

ANÁLISE DO TEXTO “DA NACIONALIDADE DA LITERATURA BRASILEIRA” DE SANTIAGO NUNES RIBEIRO

GIACON, Eliane Maria de Oliveira

GOMES, Nataniel dos Santos

Segundo Cousin *A ninguém é dado caminhar adiante do seu século*, contudo há homens que ao defenderem determinados pontos de vista abrem picadas, a fim de que outros possam passar e acabam sendo fonte, na qual os homens do futuro beberão. Um destes casos ocorre com Santiago Nunes Ribeiro no seu ensaio “Da Nacionalidade da Literatura Brasileira” publicado pela Minerva Brasiliense (1843), cujo texto abriga o ideário crítico da época.

A crítica desta época tem como marco o ano de 1830, cujo ponto de partida era buscar a brasilidade da Literatura e apontar o rumo que os poetas e prosadores deveriam tomar para caracterizar uma Literatura Nacional. O alicerce desta Literatura se fundamentava, segundo Afrânio Coutinho, no sentimento da natureza e na idéia de nacionalidade e de originalidade. Desta forma havia um projeto dentro do Romantismo para estabelecer o *...divisor da águas entre a velha literatura geradora (portuguesa) e o novo rebento ultramarino*¹

A vinculação da Literatura Brasileira à Portuguesa fora levantada em 1826 por Almeida Garrett no prefácio intitulado “Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa”, que considera como portugueses os escritores brasileiros nascidos no Brasil, por causa do vínculo político entre os dois países, segundo ele *...a educação européia apagou-lhes o espírito nacional...* dos poetas que versavam aqui no Novo Mundo. Nesta linha há mais dois textos que além de negarem o sentimento de natureza nos poetas brasileiros, principalmente os árcades, passam a negar as idéias de nacionalidade e de originalidade destes vates.

Um dos textos está no capítulo intitulado “Nosso estado intelectual” do General José Ignácio de Abreu Lima do livro *Bosquejo histórico, político e literário do Brasil*, no qual ele responsabiliza o atraso cultural do Brasil à má colonização dos portugueses e a inferioridade intelectual dos poetas brasileiros em relação aos de Portugal.

O segundo texto do lusitano José da Gama e Castro intitulado “Um Português” publicado no Jornal do Comércio” reivindica para os portugueses invenções de outros países falantes de Língua Portuguesa, incluindo o brasileiro Bartolomeu de Gusmão. Estes dois textos passam a ser alvo de Santiago Nunes Ribeiro no ensaio “ Da nacionalidade da Literatura Brasileira” (1843 / novembro), tendo seqüência num outro de mesmo título publicado em 15 de dezembro do mesmo ano. Este ensaio abre “a polêmica Minerva Brasiliense”, com a participação de outros críticos, entre ele Joaquim Norberto de Sousa e Silva

Este episódio serviu a dois propósitos. Um momentâneo que FOI o estudo da nacionalidade e da periodização da História da Literatura Brasileira e um futuro para que os críticos de hoje soubessem da existência de Santiago Nunes Ribeiro.

Ensaísta, poeta e dirigente do jornal Minerva Brasiliense, na segunda fase a partir de novembro de 1844, Santiago era chileno de Nascimento e radicalizado brasileiro, que estudou as humanidades se aprofundando nas línguas e letras. Foi professor particular e do Colégio Dom Pedro II., vindo a falecer na província de Minas Gerais em 1847, após passar de 1844 a 1845 trabalhando no jornal Minerva Brasiliense.

Durante seu trabalho no jornal Minerva Brasiliense se preocupou com textos que não fossem apenas direcionados aos estudiosos de áreas específicas, mas a um público leitor formado por negociantes e fazendeiros. Contudo a linguagem deste jornal não deveria ser trivial como a dos Magazines.

Nesta fase, nos números pares do jornal, seriam publicadas algumas obras literárias, segundo o projeto num total de 12. Todavia foram publicadas apenas quatro até o último número o doze de 15 de junho de 1845.

O jornal Minerva Brasiliense abrangia Ciência, Letras e Artes e fora publicado no Rio de Janeiro entre 1843 e 1845. No início de 15 em 15 dias, depois mensalmente com textos que abordavam temas de astronomia, botânica, medicina, zoologia, química, física, história e literatura, no entanto foi a literatura, que se tornou o carro-chefe deste periódico firmando pontos de discussão e polêmica. Na primeira fase, a administração esteve a cargo de Francisco Salles Torres-Homem e na segunda, por Santiago Nunes Ribeiro.

O ensaio crítico de Santiago Nunes Ribeiro, como já dissemos, propiciou uma polêmica, na qual os textos do General Abreu Lima e do Dr. Gama foram

considerados no intuito de ao criticá-los, o ensaísta explanar sobre a existência de uma Literatura Brasileira desde os primeiros anos do descobrimento.

“O Brasil tem uma literatura própria e nacional ou as produções de autores brasileiros pertencem à literatura portuguesa?”

Com esta indagação e evidenciando a existência de uma Literatura Nacional, Santiago Nunes Ribeiro advoga no sentido de que o texto do General Abreu e Lima, que acusa o Brasil de não ter literatos a altura da metrópole é falho, pois a palavra literatura está ligada à outras áreas de conhecimento, contudo a mesma em sentido restrito é a arte das letras. Por este ângulo, a afirmativa de Abreu e Lima “...se rejeitarmos a literatura portuguesa ficaremos reduzidos a uma condição de quase selvagens” é questionada.

O texto de Gama e Castro parte do pressuposto de que os ... *produtos intelectuais do gênio brasileiro pertencem à pátria de Camões*. Para refutar esta idéia Santiago levanta alguns pontos tanto teóricos como práticos em relação à nacionalidade da Literatura Brasileira.

Nos teóricos entram Ferney com sua teoria de que sobre climas tropicais, as artes floresciam sem que houvesse a proteção de mecenas. De Hegel vem a influência de elementos exteriores como a raça e o clima, que nos brasileiros desenvolvem os apetites sensuais, logo os primores e a grandiosidade da terra influenciariam no caráter nacional da Literatura Brasileira.

No mesmo prumo teórico, o ensaísta critica a proposição de que sob a égide de uma Língua Portuguesa não há duas literaturas, uma Portuguesa e outra Brasileira, mas apenas uma a lusitana, de que somos um apêndice. Então, indaga, o ensaísta: Porque em língua inglesa há a Literatura Inglesa, Literatura Escocesa, Literatura Irlandesa e do outro lado do oceano a Literatura Americana? As três primeira literatura são de povos próximos e possuem literaturas diferentes. Todavia alguns querem que povos em países (Brasil e Portugal) que vivem a três mil léguas e sob influências climáticas diversificadas não possam ter uma literaturas distintas.

Após a colocação teórica, parte Santiago para a questão prática. Em primeiro lugar, alude às palavras de Cousin, afirmando que os árcades não poderiam escrever igual aos românticos, cujo projeto é a exaltação da terra e do homem, contudo há versos de Caramuru (Santa Rita Durão), cuja natureza brasílica é exaltada(Descrição da flores). Quanto ao uso da mitologia pelos árcades, Nunes Ribeiro considera ... *um simples efeito de mal gosto individual*.

A questão da linguagem árcade, segundo o ensaísta, parte do seguinte pressuposto se não poetavam na linguagem do século XIX, pelo menos faziam belos versos, portanto, em arte não é possível fazer um paralelo entre época diferentes, o que se consegue com esta comparação são só alguns efeitos de linguagem e estética, que se repetem em determinados períodos. Para esclarecer ele cita Newton, que este só fora gênio, porque nasceu numa época que lhe fora propícia.

Quanto à questão da Literatura Brasileira ser cópia, ele defende que tudo é cópia, assim Shakespeare, Milton, Gil Brás e outros foram copiados e acrescenta.. *uma das imitações mais horríveis que neste mundo hão feito: isto é a revolução francesa, que é uma cópia da inglesa.*, afinal, segundo Villemain - *...nascemos originais, e morremos cópias.*

Os brasileiros dos séculos anteriores ao XIX não somente beberam da mãe pátria portuguesa, mas de outras fontes como a francesa, em cujos versos de Santa Rita Durão está imortalizada *Vendo em Paris a suma do universo.*

De outros povos e de outras culturas bebemos, contudo a poesia do Brasil é filha da inspiração americana. Para corroborar isto o ensaísta recorre ao Barão de Humboldt, que via *nas regiões meridionais da América uma grande vivacidade e brilhante clareza de concepções.* Desta forma se Hegel diz que *a inspiração vem do estado da alma em que o artista se acha quando realiza sua concepções*, logo segundo Nunes Ribeiro *... o gênio do brasileiro pertence à terra...e a poesia do Brasil não foi transportada ao Novo Mundo, mas é filha das florestas, que fora educada no Velho Mundo.*

A trajetória da poesia brasileira é marcada por Nunes Ribeiro desde os jesuítas, pois estes com a instrução religiosa moldariam uma manifestação literária. No caso de Anchieta, em duas línguas(Tupi/ Português). O mesmo culto religioso em especial à virgem fica incrustado no povo e por sua vez é levantado por poetas que extraem do povo este tema. Em Caramuru de Santa Rita Durão há versos retratando a virgem. Supõe que este poema épico, como a tradição manda, demonstra crenças e idéias de um povo, na imaginação popular das massas.

Um outro estudo abordado é quanto às rimas e à lírica, denotando que primeiro o Pe. Caldas no Brasil se dedica a este gênero ao falar de Deus para depois os poetas da Musa Portuguesa se lançarem neste gênero.

O autor deste ensaio traça uma alegoria entre a Musa (poesia) Brasileira e a Musa Portuguesa. Neste paralelo no ano de 1830 a, portuguesa *vencida se lança em carreira e a brasileira a segue*.

Santiago também formula a divisão da Literatura Brasileira não segundo o contexto histórico, mas de forma quantitativa em três períodos. O primeiro do Descobrimento até o início do século XVIII, o segundo da publicação de Cláudio Manuel da Costa até o ano de 1830, cujo período de transição é marcado pela poesia dos padres Caldas e S. Carlos. O terceiro período, no qual Nunes vivia, vai de 1830 até o momento presente. (1843).

Há muito de modernidade neste texto devido ao pensamento quantitativo que regeu as futuras divisões da História da Literatura Brasileira e muita lucidez quanto a definição de Literatura Nacional, que segundo Afrânio Coutinho encontrará ecos em Machado de Assis (1873) em Instinto de Nacionalidade e nas expressões de Mário de Andrade.

A nossa intenção com este texto foi expor o pensamento de Santiago Nunes Ribeiro, sem deixar de lado o contexto em que o ensaio fora escrito.

Referências Bibliográficas

CAIO, Luiz Roberto. Santiago Nunes Ribeiro e o Minerva Brasiliense. In: **Letras de Hoje** n.º 106. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez./1996, p 41-51.

_____ Santiago Nunes Ribeiro e a nacionalidade da literatura brasileira. In: **Literatura e diferenças**: Anais do IV Congresso da ABRALIC. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1995, P. 545-549.

COUTINHO, Afrânio (Dir.) **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986, 6v.

RIBEIRO, Santiago Nunes. “Da Nacionalidade da literatura Brasileira”, In: **Caminhos do Pensamento Crítico** (org. Afrânio Coutinho) Rio de Janeiro. Pallas S. A/ INL – MEC, 1972, v.I, pp. 42 – 72.